

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Violência

Página 82: “(...) a grande massa de um povo sempre só se deixa empolgar pelo poder da palavra”, e na 90. “(...) não dispersar a atenção de um povo, e sim em concentrá-la contra um único adversário”. Empolgar, o mesmo de entusiasmar, que significa “estado de exaltação do espírito” contra o oponente. O autor dessas palavras não crê apenas na força bruta. Escreve na 128: “O emprego exclusivo da violência, sem o estímulo de um ideal preestabelecido, não pode jamais conduzir à destruição de uma ideia ou evitar a sua propagação (...). A violência bruta e o ideal preestabelecido, portanto, representam a ambiguidade do líder político, pois “toda tentativa de combater pelas armas um princípio universal têm de ser mal sucedida, enquanto a luta não tomar rigorosamente forma de ofensiva por novas ideias”, página 129. Quem escreveu essas páginas chegou ao poder absoluto em razão de seu rosto-palavra, que representa o paradoxo, que dizer, ele, ao mesmo tempo, “é-e-não-é”.

Flux Kontext Pro



A palavra “violência” origina-se da raiz “vis”, que significa “força”, e esse líder fez uso da força bruta do corpo [com armas] e da força leve do espírito [com discursos], duas forças contrárias. Chegar ao poder passou, então, pelo caminho do meio, pelo caminho da ambiguidade, marca muito intensa da política de extrema direita.

Autor de único livro, ele deixa evidente que a força bruta por si mesma não é a saída para dominar, devendo ser dividida com a força do espírito, isto é, o discurso, o mesmo discurso que inventa o inimigo, e, contra o inimigo, o líder político projeta a imagem de ideais patrióticos. Quando lemos Introdução às linguagens totalitárias, aprendemos com Jean-Pierre Faye que essas linguagens, que não expressam a força bruta, são práticas entre verdadeiro-e-não-verdadeiro, como lemos na página 42. Nesse agenciamento-livro, o Estado Total tem data de nascimento e autor: 1931 e Carl Schmitt, jurista, filósofo e político alemão conhecido por sua teoria da soberania, em que o poder político não é apenas quem aplica as leis, mas quem pode suspender-las em nome da ordem. Ora, suspender a lei é suspender a própria ordem em nome da ordem. Jogo. Assim, entre ordem-e-desordem, o nome desse paradoxo é estado de exceção.

A extrema direita necessita da força bruta e ela a motiva com seu discurso que cria o inimigo para afirmar seu moralismo patriótico. Até chegar ao poder, o líder político atravessa o entre opostos, e ele sabia disso, o autor de páginas acima: Hitler.



Aos 60 anos, a atriz que é símbolo do combate ao racismo brilha na TV aberta com ‘Mulher Rei’, dublada por Sarito Rodrigues

Viola Davis, a ‘Tela Quente’ é tua!

Signo do combate a muitas formas de intolerância, a atriz abrilhanta a popular sessão de cinema da TV aberta com ‘Mulher Rei’, mobilizando uma luta antirracista na telinha da Globo

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Num esforço de fazer de novembro, o mês de Zumbi dos Palmares, celebrado a cada 20/11, uma data para se discutir a decolonização em vários âmbitos da dramaturgia, a TV Globo muda a cara da sua programação semanal de filmes, para ampliar o lugar das vozes autorais ligadas à luta antirracista, o que se faz notar já pela “Tela Quente” desta segunda-feira: “Mulher Rei” (“The Woman King”, 2022), de Gina Prince-Bythewood. A transmissão segue firme e forte no ar, 37 anos após sua criação, sempre às noites de segunda, na TV Globo, cumprindo o papel de apresentar ao público da televisão aberta tendências que transformaram o audiovisual, no circuito exibidor e noutras mídias, incluindo aí a diversidade. É o que justifica a escolha desta noite. Não esqueça de que o terceiro título exibido pela sessão, há três décadas e meia, foi “Annie Hall – Noivo Neurótico, Noiva Nervosa” (1977), com Élcio Romar dublando Woody Allen e Adalmária Mesquita cedendo o gogó a Diane Keaton. Em 1994, em meio à Copa do Mundo que nos rendeu o Tetra, a sessão promoveu um festival com

resguardado por uma horda de mulheres guerreiras. A imbatível Nanisca (Viola) é a líder desse exército e precisa treinar uma novata.

Inaugurada em 1988 com “Star Wars – Episódio VI: O Retorno de Jedi” (1983), numa dublagem em que Silvio Navas (1942-2016) dava voz a Darth Vader, a “Tela Quente” segue firme e forte no ar, 37 anos após sua criação, sempre às noites de segunda, na TV Globo, cumprindo o papel de apresentar ao público da televisão aberta tendências que transformaram o audiovisual, no circuito exibidor e noutras mídias, incluindo aí a diversidade. É o que justifica a escolha desta noite. Não esqueça de que o terceiro título exibido pela sessão, há três décadas e meia, foi “Annie Hall – Noivo Neurótico, Noiva Nervosa” (1977), com Élcio Romar dublando Woody Allen e Adalmária Mesquita cedendo o gogó a Diane Keaton. Em 1994, em meio à Copa do Mundo que nos rendeu o Tetra, a sessão promoveu um festival com

Entre os destaques da Globo desta semana que dão espaço à luta contra o racismo inclua a atração da “Sessão da Tarde” desta segunda, às 15h20: “Mãos Talentosas – A História de Ben Carson” (2009), com Cuba Gooding Jr. Na quinta, às 15h25, é a vez de Will Smith contagiar a emissora em “Depois da Terra” (“After Earth”, 2013), de M. Night Shyamalan.

o legado de Bruce Lee no país, exibindo inclusive o cult “O Dragão Chinês” (1971). Em anos mais recentes, em 2017, teve exibição de “Relatos Selvagens”, com direito a uma mega campanha de mídia e com uma feliz escalação de Márcio Simões para dublar Ricardo Darín. Já em meio à pandemia, projeções de “Bacurau” (2019), com Mauro Ramos dublando o alemão Udo Kier, e de “Corra!” (2017), deram uma tônica combativa à sua programação. Foram formas de mostrar que nem só blockbusters caça-niqueis compõem a sua grade. O que volta a se destacar com a presença de Viola Davis em cena, dublada por Maria do Rosário “Sarito” Rodrigues.

Foi a atriz Maria Bello (da série “Treta”) quem concebeu a ideia para “The Woman King”, lá em 2015, após visitar Benin, onde o reino retratado pelo filme se localizava. Lá, aprendeu sobre a história das Agojie, uma esquadra de guerreiras. No intuito de se firmar como produtora, ela recrutou a roteirista Cathy Schulman para desenvolver um argumento sobre as combatentes daquela região. Apresentou a ideia para vários estúdios, que recusaram o projeto devido a preocupações financeiras. Depois de se reunirem com a TriStar Pictures, em 2017, ela teve sinal ver para desenvolver a trama – isso em 2020, em plena covid-19. A produção começou na África do Sul, em novembro de 2021, mas acabou sendo interrompida, por algumas semanas, devido à variante Omicron do coronavírus. O trabalho foi retomado no início de 2022. Polly Morgan foi a diretora de fotografia. Durante a pós-produção, a trilha sonora foi composta por Terence Blanchard e a edição foi concluída por Terilyn A. Shropshire.

Entre os destaques da Globo desta semana que dão espaço à luta contra o racismo inclua a atração da “Sessão da Tarde” desta segunda, às 15h20: “Mãos Talentosas – A História de Ben Carson” (2009), com Cuba Gooding Jr. Na quinta, às 15h25, é a vez de Will Smith contagiar a emissora em “Depois da Terra” (“After Earth”, 2013), de M. Night Shyamalan.